

CORRESPONDÊNCIAS (1838-1880) – FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Petersburgo, 1º de fevereiro de 1846.

Querido irmão,

Primeiro, não fique com raiva por não escrever há muito tempo. Por Deus, não houve tempo, e agora vou provar isso. O que mais me atrasou foi que até muito recentemente, ou seja, até o dia 28, acabei com meu canalha *Golyadkin*. Horror! Os cálculos humanos são assim: eu queria terminar antes de agosto e aguentei até fevereiro! Agora estou lhe enviando um almanaque. "Pobre Gente" saiu no dia 15. Bem, irmão! Que abuso feroz eles encontraram em toda parte! Nas Ilustrações, não leio críticas, mas palavrões. Em "Northern Bee" era o diabo sabe o quê. Mas lembro-me de como conhecemos Gogol e todos nós sabemos como conhecemos Pushkin. Até mesmo o público está furioso: três quartos dos meus leitores criticam e um quarto deles (talvez menos) louva o livro além da conta. É o assunto de discussões em fim. (...) Assim foi com Gogol. Eles ralharam, ralharam com ele, ralharam - ralharam, mas mesmo assim o leram e agora o reconciliaram e começaram a elogiá-lo. Eu dei a todos eles um osso de cachorro! Deixe-os brigar - eles me constroem glória, tolos. (...) Imagine que todo o nosso círculo, sobretudo Bielínsk, acha que eu superei, de longe, Gogol. (...)

Nosso público tem instinto, como em qualquer multidão, mas nada de gosto. Eles não entendem como alguém pode escrever naquele estilo. Em tudo estão acostumados a ver o rosto do escritor; Eu não mostrei o meu. E eles não têm ideia do que Devushkin está dizendo, não eu, e que Devushkin não pode falar de outra forma. Acham o livro muito longo, mas não há nenhuma palavra supérflua nele. Eles encontram em mim uma nova corrente original (Belinsky e outros), consistindo no fato de que eu ajo por Análise, e não por Síntese, ou seja, eu vou nas profundezas e, separando os átomos, busco o todo, enquanto Gogol pega o todo de forma direta e, portanto, não é tão profundo como eu. Leia e veja por si mesmo. E meu futuro é glorioso, irmão! *Golyadkin* está saindo hoje. Quatro dias atrás eu ainda estava escrevendo. (...) *Golyadkin* é dez vezes melhor do que *Gente Pobre*. Nosso grupo fala que depois de "Almas Mortas", na Rússia, não houve nada parecido, que é um feito brilhante, eles dizem até mais. Com que esperança todos olham para mim! Na verdade, *Golyadkin* realmente ficou muito bom. (...)

(...) Minha saúde está terrivelmente abalada. Estou neurótico e temo ficar febril a qualquer momento. Não posso viver decentemente, sou muito dissoluto. Se não conseguir me banhar no mar durante o verão, serei um desgraçado. Adeus, pelo amor de Deus, escreva. Sinto muito ter escrito uma carta ruim. Estou com pressa. Eu te beijo. Adeus.

Seu, Dostoiévski.

Petersburgo, 1º de abril de 1846.

Querido irmão,

(...) Você provavelmente me culpa por não escrever para você por tanto tempo. (...) O que eu deveria escrever para você? Eu teria que escrever volumes se pudesse começar a falar da maneira que gostaria. Na minha vida, todos os dias há tantas coisas novas, tantas mudanças,

tantas impressões, tantas coisas boas que são benéficas para mim, tantas coisas desagradáveis e inúteis, que não tenho tempo para pensar nisso sozinho. Primeiro, estou muito ocupado. Tenho um monte de ideias e escrevo continuamente. Não pense que eu estava em um mar de rosas. (...)

Mas está tudo bem. Minha glória atingiu o clímax. Em dois meses fui mencionado cerca de 35 vezes em várias publicações. Em alguns, louvor ao céu, em outros, mais reservas, e em outros ainda, assustadoramente criticado. O que mais eu poderia querer? Mas há algo que me desagrada em magoa: meus amigos, Bielínski e os demais, estão infelizes comigo por Golyadkin. A primeira impressão foi deleite inexplicável, conversa, barulho, conversa. A segunda foi a crítica verdadeira. Toda a audiência descobriu que Golyadkin era tão monótono e letárgico, tão esticado que não havia como ler. (...) Quanto a mim, mesmo por um momento caí em desânimo. Tenho um vício terrível: amor-próprio e ambição ilimitados. A ideia de que havia enganado as expectativas e arruinado algo que poderia ter sido ótimo estava me matando. Enjoei de Golyadkin. Muito está escrito nele apressadamente e com cansaço. A primeira metade é melhor que a última. Ao lado das páginas brilhantes há sujeira, lixo, volta da alma, não quero ler. Foi isso que criou o inferno para mim por um tempo, e fiquei doente de tristeza. Irmão, enviarei Golyadkin em duas semanas, você vai ler. Escreva-me sua opinião sincera.

(...) Nunca fui tão rico em atividades como agora. Tudo está fervendo, indo ..., mas vai acontecer alguma coisa?

(...)

Seu, Dostoiévski.

22 de dezembro de 1849, São Petersburgo, Fortaleza de Pedro e Paulo

Irmão, meu caro amigo! Está tudo decidido! Fui condenado a 4 anos de trabalho em uma fortaleza (eu acho, Orenburg) e depois à tropa. Hoje, 22 de dezembro, fomos levados ao local do desfile de Semyonovsky. Lá eles leram a sentença de morte para todos nós, deixe-nos beijar a cruz, quebraram nossas espadas sobre nossas cabeças e arrumaram nosso banheiro moribundo (camisas brancas). Em seguida, três foram colocados na fogueira para realizar a execução. Eu estava em sexto, eles chamaram três, um rastro, eu estava na segunda curva e não tinha mais que um minuto de vida. Lembrei de você, irmão, todo seu; no último minuto você, só você, estava em minha mente, acabei de descobrir o quanto te amo, meu querido irmão! Também consegui abraçar Pleshcheev e Durov, que estavam perto, e me despedir deles. Finalmente eles atingiram a retirada, foram amarrados ao pilar e trazidos de volta, e fomos informados de que Sua Majestade Imperial nos concederia a vida. Então vieram as sentenças reais. Um tal Palma está perdoado. Sua mesma patente no exército.

Agora me disseram, meu querido irmão, que deveríamos ir acampar hoje ou amanhã. Eu pedi para ver você. Mas me disseram que isso é impossível; só posso escrever esta carta, que se apresse e você me dê em breve revisão. Receio que de alguma forma você conhecesse nossa sentença (de morte). Das janelas da carruagem, quando dirigiam para o desfile de Semyonovsky", vi um abismo de pessoas; Talvez a mensagem já tenha passado antes de você e você tenha sofrido por mim. Agora será mais fácil para você para mim. Irmão! Não desanimei e não desanimei. A vida é vida em toda parte, a vida está em nós mesmos, e não no externo. Haverá pessoas ao meu lado e será um homem entre as pessoas e elas permanecerão para sempre, em quaisquer

infortúnios, para não desanimar e não cair - isso é a vida, qual é a sua tarefa. Eu estava ciente disso. Essa ideia entrou em minha carne e sangue. Sim, verdade! aquela cabeça que criou, viveu uma vida de arte superior, que percebeu e se acostumou com as necessidades elevadas do espírito, aquela cabeça já foi cortada de meus ombros. Memória restante e imagens criadas e ainda não incorporadas por mim. Eles vão me ulcerar, realmente! Mas em mim há um coração e a mesma carne e sangue, que também pode amar, sofrer, desejar e lembrar, e isso ainda é vida! *On voit le soleil! (...)*

Nunca antes essas reservas abundantes e saudáveis de vida espiritual fervilharam em mim como agora. Mas se o corpo vai durar: não sei. Eu fico doente, tenho escrófula. Mas talvez! Irmão! Já reviverei tanto em minha vida que agora há pouco que me amedronta. Aconteça o que acontecer! Vou notificá-lo sobre mim o mais rápido possível. (...)

Mas não se aflija, pelo amor de Deus, não se aflija por mim! Saiba que não estou desanimado, lembre-se que a esperança não me deixou. Em quatro anos, haverá um alívio do destino. Serei um soldado raso - este não é mais um prisioneiro, e tenha em mente que um dia te abraçarei. Afinal, eu estava morrendo hoje, vivi três quartos de hora com esse pensamento, estive no último momento e agora vivo de novo!

Se alguém se lembra mal de mim, e se briguei com alguém, se causei uma impressão desagradável em alguém, diga-lhe para esquecer, se você conseguir encontrá-lo. Não há bile e raiva em minha alma, eu gostaria de amar e abraçar pelo menos um dos primeiros neste momento. É uma alegria, eu experimentei isso hoje, dizendo adeus aos meus entes queridos antes da morte. Naquele momento pensei que a notícia da execução o mataria. Mas agora fique tranquilo, ainda estou vivendo e viverei no futuro com o pensamento de que um dia vou te abraçar. Só tenho isso em mente agora. (...)

Quando olho para o passado e penso quanto tempo foi desperdiçado, quanto foi perdido em delírios, em erros, na ociosidade, na incapacidade de viver; assim como não o valorizei, quantas vezes pequei contra meu coração e espírito - então meu coração sangra. A vida é um presente, a vida é felicidade, cada minuto pode ser um século de felicidade. *Si jeunesse savait!* Agora, mudando minha vida, renasço em uma nova forma. Irmão! Juro para você que não perderei a esperança e mantereí meu espírito e coração puros. Eu renascerei para melhor. Isso é toda minha esperança, todo meu consolo. (...)

10-18 de outubro de 1859. Tver

Sua Majestade Imperial,

Eu, um ex-criminoso do estado, ousou lançar meu humilde pedido diante de seu grande trono. Sei que não sou digno das bênçãos de Vossa Majestade Imperial e o último daqueles que podem esperar ganhar Vossa graça soberana. Mas estou infeliz, e você, nosso senhor, é infinitamente misericordioso. Perdoe-me pela minha carta e não execute sua raiva infeliz, necessitada de misericórdia.

Fui condenado por um crime estadual em 1849, em São Petersburgo, rebaixado, privado de todos os direitos do Estado e exilado na Sibéria, a trabalhos forçados de segunda categoria, em fortalezas, por quatro anos, com inscrição, após o vencimento de o prazo de trabalho, na base

... Em 1854, ao deixar a prisão da fortaleza de Omsk, entrei no 7º Batalhão de Linha Siberiana como soldado raso; em 1855 foi promovido a oficial não comissionado e, no seguinte, em 1856, foi abençoado com a maior graça de Vossa Majestade Imperial e promovido a oficial. Em 1858, Vossa Majestade Imperial dignou-se a conceder-me o direito à nobreza hereditária. No mesmo ano, pedi demissão, devido a uma doença epiléptica que se abriu em mim no primeiro ano de meu trabalho árduo, e agora, depois de receber minha demissão, mudei-me para morar na cidade de Tver. Minha doença está crescendo cada vez mais. A cada ataque, eu aparentemente perco minha memória, imaginação, força mental e física. O resultado da minha doença é relaxamento, morte ou loucura. Tenho uma esposa e um enteado para cuidar. Não tenho fortuna e ganho o sustento exclusivamente com o trabalho literário, árduo e exaustivo em minha dolorosa situação. Enquanto isso, os médicos me encorajam com uma cura, com base no fato de que minha doença é adquirida, e não hereditária. Mas posso obter assistência médica séria e decisiva apenas em São Petersburgo, onde há médicos especialmente dedicados ao estudo de doenças nervosas.

Sua Majestade Imperial! Na tua vontade, todo o meu destino, saúde, vida! Permitam-me que me mude para São Petersburgo para seguir os conselhos dos médicos da capital. Em São Petersburgo há sempre dois de meus irmãos, com quem estou separado há dez anos; sua preocupação fraternal por mim poderia aliviar minha difícil situação. Mas, apesar de todas as minhas esperanças, um desfecho ruim de uma doença ou minha morte pode deixar minha esposa e enteado sem qualquer ajuda. Enquanto houver pelo menos uma gota de saúde e força em mim, vou trabalhar para assegurá-los. Mas, no futuro, Deus é livre e as esperanças humanas estão erradas. Muito misericordioso senhor! Perdoe-me por outro pedido e tenha o prazer de mostrar misericórdia extraordinária, ordenando que aceitasse meu enteado, Pavel Issaev, de 12 anos, às custas do Estado em um dos ginásios de São Petersburgo. Ele é um nobre hereditário, filho do secretário provincial Alexander Isaev, que morreu na Sibéria a serviço de Sua Majestade Imperial, na cidade de Kuznetsk, província de Tomsk, - que morreu unicamente por falta de benefícios médicos, impossíveis no deserto onde servia, e que deixou mulher e filho sem qualquer condição. Se Pavel Isaev não puder entrar no ginásio, por favor, senhor, ordene que ele seja admitido em um dos corpos de cadetes de São Petersburgo. Farás feliz a sua pobre mãe, que diariamente ensina o filho a rezar pela felicidade de Vossa Majestade Imperial e de toda a augusta casa. Você, senhor, é como o sol que brilha sobre os justos e os injustos. Você já fez milhões de pessoas felizes; Faz feliz o pobre órfão, a sua mãe e o infeliz doente, de quem ainda não foi tirada a rejeição e que está pronto a dar agora a vida inteira pelo rei que abençoou o seu povo! e deixou sua esposa e filho sem qualquer fortuna. Se Pavel Isaev não puder entrar no ginásio, por favor, senhor, ordene que ele seja admitido em um dos corpos de cadetes de São Petersburgo. Farás feliz a sua pobre mãe, que diariamente ensina o filho a rezar pela felicidade de Vossa Majestade Imperial e de toda a augusta casa. Você, senhor, é como o sol que brilha sobre os justos e os injustos. Você já fez milhões de pessoas felizes; Faz feliz o pobre órfão, a sua mãe e o infeliz doente, de quem ainda não foi tirada a rejeição e que está pronto a dar agora a vida inteira pelo rei que abençoou o seu povo! e deixou sua esposa e filho sem qualquer condição. Se Pavel Isaev não puder entrar no ginásio, por favor, senhor, ordene que ele seja admitido em um dos corpos de cadetes de São Petersburgo. Farás feliz a sua pobre mãe, que diariamente ensina o filho a rezar pela felicidade de Vossa Majestade Imperial e de toda a augusta casa. Você, senhor, é como o sol que brilha sobre os justos e os injustos. Você já fez milhões de pessoas felizes; Faz feliz o pobre órfão, a sua mãe e o infeliz doente, de quem ainda não foi tirada a rejeição e que está pronto a dar agora a vida inteira pelo rei que abençoou o seu povo! Farás feliz a sua pobre mãe, que diariamente ensina o filho a

rezar pela felicidade de Vossa Majestade Imperial e de toda a augusta casa. Você, senhor, é como o sol que brilha sobre os justos e os injustos. Você já fez milhões de pessoas felizes; Faz feliz o pobre órfão, a sua mãe e o infeliz doente, de quem ainda não foi tirada a rejeição e que está pronto a dar agora a vida inteira pelo rei que abençoou o seu povo! Farás feliz a sua pobre mãe, que diariamente ensina o filho a rezar pela felicidade de Vossa Majestade Imperial e de toda a augusta casa. Você, senhor, é como o sol que brilha sobre os justos e os injustos. Você já fez milhões de pessoas felizes; Faz feliz o pobre órfão, a sua mãe e o infeliz doente, de quem ainda não foi tirada a rejeição e que está pronto a dar agora a vida inteira pelo rei que abençoou o seu povo!

Com sentimentos de reverência e devoção fervorosa e ilimitada, ousou me considerar o mais leal e grato dos súditos de Vossa Majestade Imperial.

Fiódor Dostoiévski

UMA HISTÓRIA CULTURAL DA RÚSSIA – ORLANDO FIGES (2002)

Em 1703, numa enevoadada manhã de primavera, uma dúzia de cavaleiros russos seguia pelos charcos áridos e desolados onde o rio Neva deságua no mar Báltico. Procuravam um local para construir um forte contra os suecos, na época em guerra com a Rússia, e os proprietários desses pântanos havia muito abandonados. Mas a visão do rio largo e sinuoso a fluir para o Báltico era cheia de esperanças e promessas para o tsar da Rússia — sem saída para o mar —, que cavalgava à frente dos batedores. Quando se aproximaram da costa, ele apeou. Com a baioneta, cortou duas tiras de turfa e as arrumou numa cruz sobre o chão pantanoso. Então, Pedro disse: “Aqui haverá uma cidade.”

Poucos lugares poderiam ser menos adequados para a metrópole do maior Estado da Europa. A rede de ilhotas no pantanoso delta do Neva era coberta de árvores. Varrida por névoas espessas do derretimento da neve na primavera e castigada por ventos que muitas vezes faziam os rios subirem sobre a terra, não era um lugar para habitação humana, e nem os poucos pescadores que se aventuravam por lá no verão ficavam muito tempo. Lobos e ursos eram os únicos moradores. Mil anos antes, a área ficava debaixo do mar. Havia um canal que ia do mar Báltico ao lago Ladoga, com ilhas onde hoje se encontram as elevações de Pulkovo e Pargolovo. Ainda no reinado de Catarina, a Grande, durante o final do século XVIII, Tsarskoie Selo, onde ela construiu o Palácio de Verão nas colinas de Pulkovo, ainda era conhecido pelos moradores locais como Sarskoie Selo. O nome vinha de saari, palavra finlandesa que significa “ilha”.

Quando os soldados de Pedro cavaram o chão, acharam água a cerca de um metro de profundidade. A ilha do Norte, onde a terra era um pouco mais elevada, era o único lugar para lançar alicerces firmes. Em quatro meses de atividade intensa, nos quais pelo menos metade da força de trabalho morreu, mil conscritos construíram a Fortaleza de Pedro e Paulo, cavando a terra com as próprias mãos, arrastando troncos e pedras ou levando-os às costas e carregando terra nas dobras da roupa. A escala exaustiva e o ritmo da construção foram espantosos. Em poucos anos, o estuário se tornou um movimentado canteiro de obras e, assim que se assegurou o controle da Rússia sobre o litoral com as vitórias sobre a Suécia de 1709 e 1710, a cidade passou a assumir nova forma a cada dia que passava. Um quarto de milhão de servos e soldados, vindos de longe, do Cáucaso e da Sibéria, trabalharam dia e noite para limpar florestas, cavar canais, criar estradas e erigir palácios. Carpinteiros e pedreiros (proibidos por decreto de trabalhar em outro lugar)

inundaram a nova capital. Carregadores, quebradores de gelo, condutores de trenó, barqueiros e operários chegavam em busca de trabalho, dormindo em barracos de madeira que se entulhavam em qualquer lugar vazio. Para começar, tudo foi feito de forma rápida, com ferramentas manuais primitivas: o machado predominava sobre o serrote, e carroças simples foram feitas com troncos grandes sem galhos e minúsculas rodas cortadas de troncos menores de bétula. A procura de pedra era tão intensa, que todo barco ou veículo que chegasse à cidade era obrigado a levar quantidade específica de rochas. Mas novos empreendimentos logo surgiram para fabricar tijolo, vidro, mica e lonas, enquanto os estaleiros aumentavam constantemente o trânsito congestionado nas vias fluviais da cidade, com barcaças e barcos a vela carregados de pedra, e milhões de troncos desciam o rio todo ano.

Como a cidade mágica de algum conto de fadas russo, São Petersburgo cresceu com velocidade tão fantástica, e tudo nela era tão brilhante e novo que o lugar logo ficou envolto em mitos. Quando Pedro declarou “Aqui haverá uma cidade”, as suas palavras refletiram a ordem divina: “Faça-se a luz.” (...) Os famosos versos iniciais de O Cavaleiro de Bronze (1833), poema épico de Pushkin (que todo estudante russo sabe de cor), consolidaram o mito da criação de Petersburgo por um homem providencial:

*Na praia, co'as ondas desoladas
Pensava ele uma alta ideia,
E fitava ao longe...*

Graças aos versos de Pushkin, a lenda chegou ao folclore. A cidade recebeu o nome do santo padroeiro de Pedro e, desde então, foi rebatizada três vezes com as mudanças da política, mas ainda é chamada simplesmente de “Píter” pelos moradores.

Na imaginação popular, o surgimento milagroso da cidade saída do mar lhe deu desde o princípio uma condição lendária. Os russos diziam que Pedro fizera a cidade no céu e depois a baixara, como uma maquete gigantesca, até o chão. Era a única maneira de explicar a criação de uma cidade construída na areia. A noção de uma capital sem alicerces no solo foi a base do mito de Petersburgo que inspirou tantas obras pictóricas e literárias russas. Nessa mitologia, Petersburgo era uma cidade irreal, um mundo sobrenatural de fantasias e fantasmas, um reino estrangeiro do apocalipse. Era o lar dos personagens solitários e perseguidos que habitam os Contos de Petersburgo (1835), de Gogol; de fantasistas e assassinos como Raskolnikov do romance Crime e castigo (1866), de Dostoiévski. A visão de uma inundação arrasadora se tornou tema constante das histórias de terror sobre o fim da cidade, de O cavaleiro de bronze, de Pushkin, a Petersburgo, de Bieli (1913–14). Mas essa profecia se baseava em fatos: afinal, a cidade fora construída acima do chão. Uma quantidade colossal de entulho fora lançada para erguer as ruas além do alcance das águas. As inundações frequentes nos primeiros anos da cidade exigiram reparos e reforços que as ergueram ainda mais. Em 1754, quando começaram as obras do atual Palácio de Inverno, o quarto no mesmo lugar, o terreno onde foram lançados os alicerces era 3 metros mais alto do que cinquenta anos antes.

Cidade construída na água com pedras importadas, Petersburgo desafiava a ordem natural. O famoso granito das margens do rio veio da Finlândia e de Carélia; o mármore dos palácios, da Itália, dos Urais e do Oriente Médio; gabo e pórfiro vieram da Suécia; dolerito e ardósia, do lago Onega; arenito, da Polônia e da Alemanha; travertino, da Itália; e azulejos, dos Países Baixos e de Lubeck. Só a pedra calcária foi extraída no local. A façanha de transportar

quantidade tão grande de pedra só foi superada pela construção das pirâmides. A imensa pedra de granito do pedestal da estátua equestre de Pedro, o Grande, de Falconet, tinha 12 metros de altura e quase 30 de circunferência. Com uns 660 mil quilos, exigiu mil homens durante dezoito meses para transportá-la até a capital, primeiro com uma série de roldanas, depois numa balsa especialmente construída, pelos 13 quilômetros desde a clareira na floresta onde fora encontrada. O cavaleiro de bronze de Pushkin transformou o monumento inerte num emblema do destino da Rússia. As 36 colunas colossais de granito da Catedral de Santo Isaac foram cortadas no chão com marretas e talhadeiras e depois puxadas a mão por mais de 30 quilômetros até as balsas no golfo da Finlândia, de onde foram remetidas para São Petersburgo e montadas por enormes guindastes feitos de madeira. As pedras mais pesadas foram movidas durante o inverno, quando a neve tornava mais fácil puxá-las, embora isso obrigasse a esperar o degelo da primavera para serem embarcadas. Mas, mesmo assim, o serviço exigia um exército de vários milhares de homens com duzentas juntas de cavalos para os trenós.

[...]